

Augusto dos Anjos e a Educação do seu tempo

*Wojciech A. Kulesza **

Resumo

Neste trabalho procura-se rastrear as concepções pedagógicas do poeta Augusto dos Anjos através do exame de sua prosa, de sua correspondência e das memórias de seus colegas e alunos. Formado na Faculdade de Direito do Recife, casado com a normalista Esther Fialho, que viria a seguir a carreira de professora após sua morte, professor do Liceu Paraibano, do Ginásio Nacional e da Escola Normal do Rio de Janeiro, o poeta exprime de diversas maneiras a pedagogia em voga no Brasil no início do século XX. Da análise, emerge uma filosofia da educação, própria do ensino bacharelesco daquele período histórico, onde o verbalismo assoma como característica mais pronunciada. A teoria do conhecimento subjacente a essa filosofia da educação manifesta-se claramente na semântica de seus poemas, recheada de vocábulos retirados da literatura científica. No entanto, tal como em sua poesia, as tensões provocadas pelo anseio de modernização da sociedade naquela fase de nossa história, também se fizeram presentes em suas concepções educacionais.

Palavras chave : história da educação, modernidade, biografia.

Abstract

This work tries to trace out the pedagogic conceptions of the celebrated poet Augusto dos Anjos through the analysis of his prose, correspondence and written memories of his friends and pupils. Graduated by the Faculdade de Direito do Recife, married with Esther Fialho, a student of teaching school that became a successful teacher after his death, lecturing at the Liceu Paraibano, Ginásio Nacional and Escola Normal do Rio de Janeiro, the poet expressed in many ways the prevailing pedagogy in the beginnings of Brazil's twentieth century. From the analysis arises a philosophy of education in conformity with the bookish teaching which was in vogue at that historical period of Brazilian education, where the verbalism was the most striking characteristic. The epistemology underlying this philosophy of education is clearly displayed in the semantics of his poetry, generally filled with scientific words. However, like happens with his poems, the tenseness of the modernity of his age also was present in his educational practice.

Keywords : History of Education, modernity, biography.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPb, e-mail: kulesza@funape.ufpb.br

Augusto dos Anjos nasceu em 1884, no mesmo ano em que foi criada a Escola Normal da Paraíba, expressão do movimento nacional pela formação de professores primários então em marcha. A influência cientificista na organização dessas escolas, marcada pela atuação de Benjamin Constant no estabelecimento congênere do Rio de Janeiro, também iria estar presente na formação do poeta através da educação ministrada por seu pai no engenho Pau d'Arco. Estudante da Faculdade de Direito nos tempos de Tobias Barreto e Silvio Romero, o pernambucano Alexandre dos Anjos nunca deixaria de manter relações com a chamada *Escola do Recife*, que marcaria indelevelmente seu pensamento. Assim, por exemplo, quando Augusto contava treze anos, em carta dirigida ao historiador Pereira da Costa endossando uma crítica deste a Oliveira Lima, seu pai valia-se do princípio comtiano segundo o qual “os mortos governam os vivos”(Nóbrega, 1962:226). De mais a mais, além de Augusto, Alexandre encaminhou seus outros cinco filhos homens para o bacharelado da Faculdade de Recife, dando-lhes, enquanto foi possível, a instrução necessária para os exames preparatórios e de ingresso.

Figura conhecida nos meios educacionais paraibanos, o pai de Augusto dos Anjos era freqüentemente convidado para compor as bancas examinadoras do Liceu Paraibano nas mais diversas cadeiras. Um dos estudantes por ele examinado, testemunha “a maneira lhana, didática e sábia com que o velho mestre argüía os examinados”, estimulando-os ao mesmo tempo que lhes infundia calma (Idem, 224). Havendo já passado pela experiência de educar os três primeiros filhos, Alexandre encontrou em Augusto o discípulo dileto. Tanto que, quando o pai adoeceu, foi ele que ficou encarregado de cuidar da educação dos filhos menores. Num soneto dedicado ao pai doente, Augusto assume essa herança

Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...

Plenamente identificado com a pedagogia de sua época, o doutor Alexandre inculcou no filho o apreço pelo estudo como via preferencial para o conhecimento. Num soneto dirigido ao seu irmão caçula em 1901, Alexandre Junior, o Papá, o jovem poeta apõe ao estudo o título de “Grande Mestre”. Na dedicatória, ele adverte o irmão de que a aplicação nos estudos “será sempre a *alma mater* da inteligência humana, e o caminho mais perfeito que nos pode levar à tortuosa via da Ciência”(Bueno, 1994:405). Não é de admirar, portanto, que mais tarde o Papá viria a ter uma longa carreira no magistério como professor de Pedagogia da Escola Normal.

A valorização do estudo aparece também neste versos do “poeta do Eu”:

*Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!*

Esta quadra é significativa por indica que, para ele, o estudo era a fonte do conhecimento, da verdadeira ciência, como ele a grafa, à maneira simbolista, em sua obra poética. E o estudo para o poeta, reduz-se quase que totalmente à leitura de livros que ele devora ferozmente, seja na biblioteca do pai, seja na do tio farmacêutico. Na análise de fundo psicanalítico de sua obra poética feita por Chico Viana, ele nos diz que a “volúpia do estudo”, em Augusto, “aparece como procura de compensação, como o ônus decorrente da insuficiência – sentida como culpa – em compreender e, principalmente em ser”(1994:150).

Quando Augusto matricula-se na Faculdade de Direito em 1903, já premido pelas dificuldades financeiras da família que a partir de então se acentuam, ele usufrui muito pouco da vida escolar. Valendo-se do sistema então em voga de frequência livre, ele limita sua estada no Recife apenas aos períodos de realização dos chamados exames vagos. Em uma carta à sua mãe ele nos fala de seu cotidiano durante estas fases de estudo intensivo :

Minha vida social aqui decorre dos meus atos simples de estudante apegado aos livros. Leio de manhã à noite, não paro de ler numa febre de colher maiores conhecimentos que, alguns colegas, não sei se por incapacidade, demonstram aborrecer-se, reprovando-me a dedicação a ponto de recusar frequência a festinhas de família(Bueno, 1994:688).

Nesta mesma carta, o poeta verseja suas saudades de casa evocando o tamarindo do engenho Pau d’Arco sob cuja sombra iniciara seus estudos. Mais tarde, ele imortalizaria esta árvore num soneto famoso, não sem denunciar a rigidez da pedagogia paterna

*No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!*

Esta exacerbação do ensino livresco, amplamente então difundido na educação brasileira, característica da formação intelectual do poeta, aguçou em Augusto a leitura e o verbalismo. O bé-á-bá pronunciado em voz alta

debaixo do tamarindo iria permanecer em sua enunciação do léxico arrevesado dos autores cientificistas introduzidos tanto por seu pai, como por seu tio, e lidos em profusão durante o curso de Direito. A forte sonoridade dos seus versos é uma característica constante destacada pela crítica. Assim, Manuel Cavalcanti Proença, em sua clássica análise estilística da obra do poeta, ressaltando a musicalidade de seus versos, chamou-o de “poeta auditivo, muito auditivo” e Manuel Bandeira caracterizou sua arte como “uma expressão por estampidos”.

A importância que assume em seu *corpus* poético a presença freqüente de vocábulos retirados da literatura tecno-científica, com os quais o poeta “enche a boca”, fez com que sua poesia tenha recebido a qualificação de “científica” por parte de alguns críticos. Mas, o “epígono retardado da escola do Recife” não caiu no mal apontado por Machado de Assis já em 1879 :

“A nova geração frequenta os escritores de ciência; não há aí poeta que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos. Devem, todavia, acautelar-se de um mal : o pedantismo. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisas que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor”(cf. Candido, 1963:35).

Além de recurso estilístico, “a sedução dir-se-ia erótica que sobre ele exercem os termos científicos”, no dizer de Anatol Rosenfeld, exprime sua preocupação de pensar a realidade através de conceitos desenvolvidos pela ciência moderna. “Pensar o Brasil”, este foi o grande mérito do poeta para Gilberto Freyre. Um Brasil que se modernizava deixando para trás velhos valores e tradicionais riquezas sentidos espiritual e materialmente pelo poeta.

Na semântica de seus poemas podemos entrever a degenerescência da economia canavieira em crise vivida por Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos em função da decadência dos seus antepassados senhores de engenho. A modernidade que se anuncia através do léxico privilegiado da ciência parece afastar de forma inexorável qualquer possibilidade de volta a uma idade de ouro perdida. A ciência comumente associada ao progresso na modernidade é, para Augusto, razão profunda de angústia. Concebida como mero discurso acerca dos fenômenos, a ciência se lhe afigura impotente para penetrar nos “mistérios do Universo”. A ciência não é nem mesmo a “gaia

ciência” de Nietzsche, ela não passa de uma “Ciência vã”. Ouçamo-lo em seu “lamento das coisas”:

*Triste, a escutar, pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!*

*É a dor da Força desaproveitada,
O cantochão dos dínamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!*

*É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que não se realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...*

*E é, em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou chorando,
No rudimentarismo do Desejo!*

Este soneto, no qual o crítico José Escobar Farias identifica um Augusto visionário da ciência moderna, ilustra muitíssimo bem a utilização essencialmente retórica dos conceitos científicos feita pelo poeta. E é claro que essa sua concepção de ciência era totalmente ineficaz para apreender as transformações produtivas enfrentadas pela oligarquia rural à qual pertencia e, daí, apontar as soluções que a modernização exigia. Como sentenciou José Lins do Rego, intérprete maior do ciclo do açúcar na Paraíba, analisando a derrocada do engenheiro Pau d’Arco : “Os Carvalhos tinham-se consumido nos Anjos letrados”.

Essa forma de expressão havia se entranhado de tal forma em Augusto que ele constantemente a elegia para se dirigir ao público, em verso ou prosa. Convidado para discursar durante as comemorações de 13 de maio de 1909, ele estareceu as pessoas presentes no Teatro Santa Rosa com parágrafos do tipo :

“E é como quem assiste conscientemente, subtraído ao império das leis físicas e químicas, à luz da razão sadia e de todos os estemas vibráteis, o espetáculo da desintegração das substâncias originais, que, entram, como uma república de contribuintes orgânicos, na produção biológica da fenomenalidade vital que se lhe escapou dos elementos anatômicos, e começou a entrar na parte primitiva do Todo cósmico, quebrando aquela cadeia de carne e sangue, em que se escondeu um dia para cumprir um

destino que a Filosofia, com todos os seus métodos de especulação aristotélica, baconiana e cartesiana, ainda não nos pôde revelar”(Bueno, 1994:642).

Essa copiosidade verbal manifestar-se-ia também em suas aulas. Ademar Vidal, que foi seu aluno particular quando menino, guardou bem esta característica do seu professor : “falava pelos cotovelos[...]o homem falava demais[...]palavras que de sua boca saíam se atropelando, gaguejadas às vezes, pela pressa com que as articulava”, concluindo : “Realmente, Augusto falava muito, demais, discorrendo sobre o assunto da lição por forma delirante”(1967:12-9). Um seu aluno de literatura no Liceu pela mesma época, João Veiga Junior, recorda assim o seu mestre :

“Na aula, só ele falava. Os alunos limitavam-se a ouvir-lhe a prolixa preleção, toda ela abusivamente gesticulada. O estudante chamado à lição quase não tugia nem mugia, não porque não a soubesse, mas porque não tinha tempo de falar”(1995:44).

A crer na transfiguração pela qual passava o poeta quando falava, descrita pelo seu amigo, Raul Machado, as explicações do professor Augusto devem ter sido impressionantes :

“brilhavam-lhe os olhos de um modo novo; e o rosto macilento e tristonho, tendo bruscas mutações fisionômicas, iluminava-se de um fulgor quase místico. E, enquanto lhe fluíam torrencialmente as palavras, com as mãos magríssimas, inquietamente trêmulas, descrevia, no ar, sucessivas parábolas, gestos de nervosismos estranhos, como se tentasse moldar o pensamento, delinear as imagens, corporizar as idéias mais abstratas”(cf. Bueno, 1994:97).

Apesar de tudo, no entanto, como testemunhou um seu contemporâneo ilustre, José Américo de Almeida, Augusto saía-se bem neste mister : “Como professor era querido pelos alunos. Dava a aula e, sendo solicitado, desbordava da matéria, com uma boa dicção, a palavra fluente e calorosa, a empolgar os ouvintes”(1994:170).

A carreira de professor, ou o que Castro e Silva chamou de sua “vocação para o magistério”, logo iria se apresentar ao poeta como seu destino profissional. Já em 1903, ele consulta sua mãe sobre a possibilidade de vir, revezando-se com o irmão, a dirigir um “pequeno colégio” em Itambé, para poder manter-se no Recife(Bueno, 1994:683). Recém formado, ele começa a dar aulas particulares na capital da Paraíba e, em seguida, associa-se à iniciativa privada dirigindo o Instituto Maciel Pinheiro, escola

primária com ambiciosos planos de expansão logo frustrados. Em 1908, ele é nomeado professor substituto de literatura do Liceu Paraibano, cargo que motivou sua desavença com o governador João Machado dois anos depois e que afastaria o poeta definitivamente de seu estado natal. Um soneto de Américo Falcão daquele ano em sua homenagem registra esse seu pendor pedagógico

Guarda no peito um coração de esteta
Faz versos desde os tempos de menino...
Tem o semblante de piedoso asceta
E é grande e forte nas questões de ensino(cf. Nóbrega, 1962:46)

O autodidatismo adquirido com o pai e sua experiência de preceptor dos irmãos menores até ingressarem na Faculdade de Direito, aliados às contingências em busca de recursos financeiros, fizeram dele um polivalente “professor de ciências e letras”, como definiu seu amigo Órris Soares. Ensinava português, geografia, francês, matemática, geometria, trigonometria, história universal no nível secundário e também matérias do curso jurídico. Assoberbado por problemas financeiros no Rio de Janeiro, o “bacharel depenado” ampliou o leque de suas competências e, dentre suas “cavações, encontramos até sua participação numa “comissão examinadora num concurso de admissão a uma escola agrícola recém-criada”(Bueno, 1994:734). Todavia, para além das questões de ordem material, parece que Augusto havia se apegado com o tempo às lições dadas particularmente em sua casa. Poucos dias após assumir a direção do Grupo Escolar de Leopoldina, ele faz estampar na gazeta local um anúncio oferecendo-se para dar “explicações de português, francês, latim aritmética, álgebra, geografia, história e ciências físicas e naturais”(Nóbrega, 1962:262).

Contudo, as “ciências físicas e naturais”, como de resto as outras matérias, neste íterim já haviam adquirido um novo significado. O “entusiasmo pela educação” do primeiro período republicano com sua ênfase no ensino primário e na formação de professores pelas escolas normais, havia modernizado o ensino substituindo a memória pela atividade e introduzido as “lições de coisas” como método geral de tratar da realidade na escola. A própria instituição do grupo escolar, que Augusto viria a dirigir, era fruto dessa reforma do ensino. E o poeta mergulhou de cabeça neste movimento de renovação ao noivar em 1908 com Esther Fialho, diplomada naquele ano pela Escola Normal da Paraíba. Com essa aproximação, Augusto alarga seu horizonte pedagógico ao pôr-se em contato com a reforma que vinha sendo conduzida na Paraíba pelo seu diretor de instrução pública, Francisco Xavier Junior e que introduzia na Paraíba “os métodos de ensino vigorantes na Europa”(Menezes, 1983:219).

No *Nonevar* dessa época, jornalzinho dedicado à festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da capital, “Órgão do Amor, da Graça e da Beleza”, Augusto escreveu vários poemas destinados a traçar “o perfil das beldades da terra”, entre as quais, além de Esther, várias outras normalistas. De fato, essa familiaridade faria com que um seu irmão, Odilon, também se casasse com uma delas e que Augusto e Esther convidassem ao próprio Francisco Xavier Junior, que era também diretor da Escola Normal, para servir de testemunha de seu casamento em 1910.

As memórias de Ademar Vidal comprovam que esta comunhão incluiria também o diálogo aberto sobre questões de ensino nas quais ambos eram versados. Rememorando suas aulas particulares com Augusto, Vidal diz que “tanto quanto posso recordar-me, o poeta entendia das matérias que professava” mas lembra que Esther se intrometia, “discutia quando não se achava bem esclarecida. Queria saber em minúcias o que ia o esposo dizendo, de preferencia em matéria de Português ou Geografia”(1967:12-21). Considerando que Augusto preparava o então menino Ademar Vidal para os preparatórios de ingresso no Liceu, baseados no conteúdo da escola primária, para qual Esther havia se diplomado professora, suas recordações adquirem maior veracidade.

Numa época em que a co-educação dos sexos ainda era tabu, tudo indica que Esther também contribuía para o orçamento doméstico dando aulas particulares para meninas. Numa carta para ela do Rio de Janeiro, Augusto informa que “a sobrinha de D. Aninha Caldas não me falou mais acerca das aulas de que tem necessidade para o exame de admissão na Escola Naval[Normal]”(Bueno, 1994:788). De qualquer maneira, após a morte do poeta em 1914, Esther, para poder exercer a profissão de professora em Minas Gerais, revalida seu diploma, preparando-se com sucesso em apenas quinze dias para os exames necessários. E, na mesma gazeta de Leopoldina em que Augusto havia oferecido seus serviços de professor, apareciam agora anúncios com o seguinte teor: “D. Esther dos Anjos pode ser procurada para o ensino de Geografia, Aritmética e Desenho”(Magalhães Junior, 1977:304).

Ora, geografia havia sido a disciplina que Augusto lecionara no Rio de Janeiro como professor interino tanto do Ginásio Nacional como do Externato Normal e que Esther, aluna que fora na Paraíba do velho mestre Thomas Mindello, tinha plenas condições de participar na preparação das aulas. Vemos assim como o processo de feminização do magistério em curso nesse período de nossa história traria consequências insuspeitadas para o próprio relacionamento conjugal. Desenho, matéria nunca lecionada pelo seu marido, seria a disciplina preferida da normalista Esther, tendo ela prestado concurso e assumido as aulas de caligrafia e desenho na Escola

Normal de Leopoldina, após a morte do poeta. Foi no exercício dessa cadeira, já agora na vizinha cidade de São João Nepomuceno, cidade onde chegou a estabelecer um Instituto Montessori, que Esther viria a terminar seus dias como autêntica normalista(Nóbrega, 1962:249-50).

Uma carta de 1911, escrita por Esther e assinada também por Augusto, ilustra bem o entusiasmo com o qual ela acompanhava o envolvimento do marido com os assuntos educacionais. Nela, orgulhosa, Esther conta à mãe do poeta que

“O Augusto, ultimamente, acaba de ser distinguido com uma honraria meio platônica, a qual, todavia, não deixa de o elevar, sob o ponto de vista científico literário. Trata-se de uma alta associação de pedagogos, chamada Enciclopédia Nacional do Ensino, que se propõe a executar um vasto programa de crítica, inspeção e iniciativas na esfera do ensino no Brasil”(Bueno, 1994:727).

Dizendo que o nome de seu esposo havia sido proposto, “sem previamente o saber”, por Rocha Pombo, Esther enumera para sua sogra, por completo, os nomes dos trinta enciclopedistas ilustres responsáveis por mais este empreendimento malgrado no bojo do movimento de renovação educacional que então animava os meios educacionais brasileiros.

Na república das letras, onde a literatura era vista como “o sorriso da sociedade” e na qual, a respeito da arte de fazer versos, “dir-se-ia que os homens deviam compor, para que as mulheres os declamassem”, Esther, devido à sua formação, soube valorizar a poesia moderna de Augusto. A mulher do “poeta do hediondo” soube compreender o alcance dos seus versos para a construção da sociedade perseguida pela nova pedagogia. Isto é, a esperança de uma educação popular a ser urdida com base naquilo que Augusto divisou em “Os Doentes”:

*Entre as formas decrépitas do povo,
Já batiam por cima dos estragos
A sensação e os movimentos vagos
Da célula inicial de um Cosmos novo!*

Referências Bibliográficas

- BUENO, Alexei(org.), 1994. *Augusto dos Anjos*. Obra Completa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- CANDIDO, Antonio, 1963. *O Método Crítico de Sílvio Romero*, São Paulo, FFCLUSP.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo, 1977. *Poesia e Vida de Augusto dos Anjos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MENEZES, José Rafael de, 1983. *História do Lyceu Parahybano*, João Pessoa, Ed. da UFPB.
- NÓBREGA, Humberto, 1962. *Augusto dos Anjos e sua Época*, João Pessoa, Ed. da UFPB.
- VEIGA JUNIOR, José, 1955. O Liceu ao tempo da maturidade. *Revista da Academia Paraibana de Letras*, nº6.
- VIANA, Chico, 1994. *O Evangelho da Podridão*. Culpa e melancolia em Augusto dos Anjos. João Pessoa, Ed. da UFPB.
- VIDAL, Ademar, 1967. *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*, Rio de Janeiro, José Olympio.